

Parte V: Apresentação.

Luís Antônio Francisco de Sousa.

Como citar: SOUSA, Luís Antônio Francisco de. Parte V: Apresentação. *In:* POSSAS, Lídia M. V.; SALA, José Blanes (org.). **Novos atores e relações internacionais**. Marília: Oficina Universitária, 2010. p.331-334. DOI: <https://doi.org/10.36311/2010.978-85-7983-065-5.p331-334>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PARTE V
FÓRUM: AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS
COMO ÁREA DE CONHECIMENTO

APRESENTAÇÃO

*Luís Antônio Francisco de Souza*¹

O que orientou a organização do Fórum do Curso de Relações Internacionais foi a indagação acerca da sua condição como área autônoma e original do conhecimento. A discussão precedente aponta para o fato de que as RI podem ser consideradas, pelo seu caráter transdisciplinar (ou multidisciplinar), como um campo de estudos (ou área de conhecimento) e não apenas como uma disciplina científica. De fato, observando a história da implantação dos Cursos de Relações Internacionais no Brasil, percebe-se que seu objeto de investigação não pode ser claramente definido. De outra parte, a formação desse campo de estudos está fortemente atrelada à expansão das zonas de contato (cooperativo e conflituoso) entre os países no cenário globalizado, que ultrapassou a agenda mais estreita da diplomacia e do comércio.

Em grande parte, houve um sério esforço de procurar afirmar a autonomia das Relações Internacionais frente àquelas áreas do conhecimento que constituíram sua base história e seu fundamento epistemológico, sobretudo a Ciência Política, o Direito, a História

¹ Luís Antônio Francisco de Souza é professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília e coordenador do Observatório de Segurança Pública.

e a Economia. E a diferença em relação a elas não é apenas a troca da dimensão nacional pela internacional, mais do que isso, essa diferença se dá pela perspectiva das relações internacionais.

Em outros termos, a diferença é epistemológica na medida em que as Relações Internacionais não pensam seus problemas de investigação e de estudo a partir do nacional, isto é, do local, do Estatal, da guerra ou do interesse de uma classe, grupo ou entidade. As Relações Internacionais, na atualidade dos cursos de graduação e pós-graduação brasileiros, são pensadas a partir da perspectiva descentrada, desterritorializada, desnacionalizada. O foco portanto dessa nova área do conhecimento é a natureza das relações multilaterais, das entidades globais, do direito internacional, da economia integrada, da cultura cosmopolita.

O esforço recente de caracterização das RI como área do conhecimento não deve, no entanto, elidir o problema de que a produção científica na área ainda é muito incipiente e permanece relativamente pouco desenvolvida se comparada com outras áreas das Ciências Humanas. Essa constatação não é um demérito, mesmo porque no momento em que se reconhece a perspectiva das Relações Internacionais, a produção científica das Ciências Humanas que, vamos dizer dessa forma, era considerada estrangeira para os especialistas dessas áreas, passa a ganhar uma nova roupagem e novo fôlego.

Os estudos que caminhavam pela via incerta da multidisciplinaridade, do multiculturalismo, da multilateralidade e do pluralismo (mesmo que às vezes flertassem com a diplomacia, com a história das relações exteriores ou com o fenômeno da guerra) encontraram nas Relações Internacionais a sua razão de ser. Os estudos que eram caracterizados por uma visada crítica em relação ao papel dos Estados Unidos no cenário internacional e ao modelo hegemônico de desenvolvimento econômico foram colocados no quadro geral das Relações Internacionais. Ou seja, colocou-se em pauta a antítese obscurecida pelos encadeamentos político-ideológicos, ampliando a dimensão internacional e minimizando a noção de um imperialismo totalitário. Nesse cenário, a grande potencial ocidental e a emergente potencial oriental são

atores no cenário internacional cujo peso precisa ser avaliado com cuidado. Além disso, as Relações Internacionais tem uma premência empírica extraordinária, pois, no interior de sua afirmação como área de conhecimento, de sua expansão em múltiplos cursos de graduação e em sua consolidação no ensino pós-graduado, houve uma forte ampliação da agenda internacional que requer compreensão e reflexão.

Espera-se, nos próximos anos, ver emergir um quadro em que as RI se destaquem mais fortemente da diplomacia e passem a construir seu próprio referencial teórico, articulado com a Ciência Política, a História, a Economia, a Sociologia e o Direito. É na confluência dessas diferentes áreas do conhecimento e na necessária e urgente perspectiva sul-sul ou sul-norte que estará talvez o futuro das Relações Internacionais, com o necessário reconhecimento de que nossas IES devem fortalecer o intercâmbio regional e internacional de conhecimento.

A inquietação em relação ao curso de RI não é fenômeno isolado, ela reflete o estado atual dessa área nas IES do Brasil. Nessa perspectiva é que estão sendo propostos, de forma sistemática, fóruns de discussão sobre as relações internacionais no interior das Semanas de RI da Unesp. É nessa direção que caminha a contribuição original do professor Eiiti Sato "Relações Internacionais como área do conhecimento e sua consolidação nas instituições de ensino e pesquisa", em que o campo das Relações Internacionais é analisado a partir dos efeitos substantivos da globalização sobre o cenário internacional. O texto aqui apresentado procura argumentar que o interesse nas relações internacionais "resulta, principalmente, do fato de que trata de um aspecto central do modo de vida e das preocupações que afetam as sociedades em nossos dias. O pressuposto básico desse entendimento é o de que um campo de estudo se estabelece como área distinta do conhecimento quando há uma motivação social suficientemente forte para canalizar energia e recursos no sentido de sustentar a reflexão sistemática e organizada a respeito de uma particular classe de fenômenos."

A contribuição do professor Shiguenoli Miyamoto sobre “As relações internacionais como área de conhecimento” aponta para a concretização do cenário internacional não apenas nas relações entre Estados, mas também na própria consciência do público letrado no final dos anos 1980. As relações internacionais emergiam na opinião pública, até esse período, como problemas excepcionais que demandam uma intervenção enérgica dos governos para o retorno à “normalidade” da vida infra-nacional. As guerras, da alta dos preços do petróleo e a guerra fria eram problemas pontuais que não alteravam substancialmente os problemas concretos dos cidadãos. No decorrer das duas últimas décadas não apenas a imprensa se especializou para cobrir o cenário internacional como também a acadêmica saiu da letargia e começou a reconhecer que estávamos diante de uma nova configuração política e econômica que demandava não apenas explicação, mas também nova orientação estratégica e novos conhecimentos.

A contribuição da professora Janina Onuki e de Amâncio Jorge de Oliveira, “A produção da pós-graduação em RI no Brasil: breve avaliação” parte dessa constatação do incremento da produção na área como resposta ao crescimento das demandas do mercado, de empresas e de órgãos governamentais fora do quadro da diplomacia do Ministério das Relações Exteriores. Esse crescimento é explicado pelo “processo de transição democrática, iniciado em meados dos anos 1980, de liberalização da economia que se deu a partir do início dos anos 1990, associados à intensificação das negociações internacionais e regionais.” No artigo, os autores chamam a atenção para o fato de que os cursos de Relações Internacionais no Brasil, na sua grande maioria, estão oferecendo uma formação multidisciplinar em que as disciplinas de Ciência Política, Direito, História e Economia estão sendo combinadas o que pode ter efeitos sobre os trabalhos de pós-graduação, em seu viés metodológico e temático.